

**ESTUDO DE METAPLASMOS
CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO
DA LÍNGUA PORTUGUESA FALADA EM DOURADOS – MS**

Edvaldo Teixeira Moraes (UEMS)
edvaldomoraes04@hotmail.com

Elza Sabino da Silva Bueno (UEMS)
elza20@uems.br

RESUMO

Nesse estudo analisa-se o português falado na região de Dourados – MS, cuja pluralidade de habitantes oriundos de diferentes regiões do país compõe um campo de diversidade linguística. Apoiando-nos na linguística histórica, na sociolinguística, no processo de evolução da língua e nas análises das entrevistas orais, observamos as ocorrências de metaplasmos por subtração no português falado nessa localidade, verificando quem faz uso desses fenômenos, se homens ou mulheres e que tipo de metaplasmos utilizam e com que frequência. Os resultados são analisados à luz de teóricos da área. O objetivo principal é demonstrar que ainda que haja variações na maneira de se dizer a mesma coisa de formas distintas, a língua continua sistemicamente unificada e cumpre seu papel de estabelecer a comunicação entre os indivíduos de uma mesma comunidade de falantes.

Palavras-Chave: Português oral. Variação linguística. Metaplasmos por subtração

1. Introdução

Ao conceber a língua como um produto social, percebemos que esta não é estática, já que a utilizamos como mecanismo de interação e comunicação entre as pessoas de um determinado grupo social, pois como afirma Monteiro (2000, p. 16) a língua não é simplesmente um veículo para transmitir informações, mas um meio para se estabelecer e manter relacionamentos com outras pessoas. Portanto, apesar do conjunto de normas que a rege, esta sofre influência individual das pessoas que a falam e do grupo social, o que pode provocar mudanças ao longo do tempo. Lembrando que essas mudanças se dão por meio de um processo lento e sistemático que não se pode ignorar, pois segundo Bueno (2009, p. 23), faz parte de um movimento natural e comum das línguas vivas e em constante processo de variação.

Ao nos reportar à variação linguística, não estamos nos referindo a algo novo e alheio à realidade já existente, mas como afirma Tarallo (2007), trata-se da maneira de dizer a mesma coisa com o mesmo valor

de verdade em um determinado contexto social. Essas mudanças podem ser de natureza fonético-fonológica, morfológica, sintática, semântica ou estilística. Neste estudo damos ênfase às variações e mudanças fonético-fonológicas que ocorrem nos metaplasmos por subtração na língua local.

O estudo das variações linguísticas constitui um campo extenso de investigação, por isso houve necessidade de delimitar o nosso objeto de estudo, para que pudéssemos obter resultados satisfatórios. Assim, como objeto central de análise, elegemos as variações denominadas *metaplasmos por subtração* no português falado na região de Dourados/MS, tendo por base uma pesquisa de caráter empírico, realizada por meio de entrevistas com doze informantes, seis do gênero masculino e seis do feminino, cuja finalidade é verificar quem, ao falar, faz uso de metaplasmos por subtração, se homens ou mulheres e por que, uma vez que ambos se expressam de forma diferente, Paiva (1994).

Apresentamos uma breve descrição da divisão do trabalho para melhor caracterizá-lo, em que na primeira temos a fundamentação teórica da linguística, sociolinguística, linguística histórica, a conceituação de metaplasmos e os seus diferentes tipos, com ênfase nos metaplasmos por subtração. Na segunda parte voltamos ao *corpus* da pesquisa e as variantes: gênero, idade e escolaridade dos falantes. Concluímos o trabalho em seguida, apresentando alguns resultados e as referências bibliográficas usadas como suporte para o desenvolvimento da pesquisa.

2. *Aporte teórico*

2.1. Linguística/sociolinguística

A linguística é conhecida como a ciência que estuda a linguagem humana nas suas mais variadas modalidades. Esta ciência é formalmente recente, uma vez que só passa a ser reconhecida como tal a partir do século XX, com os estudos de Ferdinand Saussure, professor da Universidade de Genebra, que divulga seus trabalhos e teorias dando novos rumos aos estudos da língua e suas peculiaridades. Sua obra, *Curso de Linguística Geral* se torna o marco para essa ciência, pois, até então, a linguística não tinha autonomia, pois segundo Saussure, em seu *Curso de Linguística Geral* (1989) a linguística passou por vários estágios até se tornar autônoma, desde a antiguidade clássica até os linguistas modernos, transitando pela *gramática*, estudo inaugurado pelos gregos, pela *filologia*, e por outras áreas, até se constituir como a ciência da fala.

Dentro desse campo de estudo da fala, encontra-se também a sociolinguística, uma subárea da linguística, que estuda a língua no seio das comunidades de falantes. São muitas as áreas pelas quais se interessa a Sociolinguística, como o contato com as línguas, tudo o que se refere ao surgimento, à transformação e ao desaparecimento de certos fenômenos linguísticos, as variações e as mudanças que ocorrem na língua, a heterogeneidade linguística, entre outras.

É importante não confundir a diversidade ou heterogeneidade com multilinguismo, que se apresenta quando numa mesma região geográfico-territorial se falam várias línguas, como é o caso das línguas indígenas no Brasil, ou as centenas de dialetos falados na África, Índia *etc.*, enquanto que por heterogeneidade se entendem as diferenças de fala dentro de um mesmo sistema linguístico, ou seja, formas diferentes de usar a mesma língua, Tarallo (2007). A sociolinguística se apresenta no que podemos chamar de fronteira ou limite entre língua e sociedade, focalizando a heterogeneidade do emprego da língua em diferentes contextos linguísticos.

2.2. Tipos de metaplasmos – forma e conceito

A língua portuguesa é uma das muitas línguas resultantes das mudanças sofridas no latim falado que, ao ser levado à Península Ibérica, prevaleceu sobre a língua dos povos dominados. De acordo com Coutinho (1976) cada geração altera, inconscientemente, as palavras da língua segundo as suas tendências e necessidades de comunicação e essas alterações se tornam sensíveis depois de certo tempo, já que desde sua origem, a língua passa por inúmeras transformações. Foi o que aconteceu com o português instituído como língua portuguesa e definido como padrão em Portugal e suas colônias.

Ao chegar ao Brasil a língua portuguesa teve contato com diversas línguas indígenas, com os dialetos africanos, para cá trazidos na época da escravidão e com as diferentes línguas europeias, ao longo de sua história. Assim, mesmo que o português tenha conseguido permanecer como língua oficial, é inegável a influência que sofreu pelo contato com tantas outras diferentes línguas e isso resultou, Faraco (1998), em formas diferentes de fala, de acordo com fatores sócio-históricos, linguísticos e culturais de cada região brasileira.

Para Carnevalli (1990) as línguas sofrem mudanças fonéticas durante a sua evolução histórica, mudanças essas que podem ocorrer por acréscimos, subtração, permuta ou transposição, são chamados *metaplasmos*, em que se analisando as definições de dicionários e de estudiosos, conclui-se que metaplasmos é o processo de transformação por que passa uma palavra desde a sua forma original (aqui considerando o latim) até o seu uso atual na língua portuguesa. Assim, segundo Coutinho (1976), os metaplasmos podem se apresentar de quatro formas distintas: por adição ou aumento (quando se acrescenta um fonema ao vocábulo original), por supressão ou subtração (quando há a perda de um fonema no vocábulo original), por transposição (quando ocorre deslocamento de fonema ou da sílaba tônica do vocábulo original) e por transformação.

Neste estudo nos atemos aos metaplasmos por subtração (supressão), que consistem na perda de fonemas no início, no meio e/ou no final da palavra, ou seja, os casos que mais ocorreram no *corpus* da pesquisa.

2.3. Metaplasmos por subtração

Os metaplasmos por subtração ocorrem quando há perda de um dos elementos do vocábulo original, alterando a forma e transformando sua estrutura seja ela fonética ou morfológica. Na modalidade subtrativa, os metaplasmos se apresentam pela ocorrência de: *aférese*; *síncope*; *haplogia*; *apócope*; *crase*; *sinalefa ou elisão*. De acordo com Coutinho (1976) e Carnevalli (1990), apresentamos a seguir o conceito de cada um desses diferentes tipos de metaplasmos por subtração:

– *aférese*: quando ocorre queda de fonema no início da palavra. Ex.: episcopu > bispo; Acumem > gume. No falar vulgar ou coloquial percebemos inúmeras ocorrências de *aférese*. Por exemplo: [to] (em lugar de estou); [brigado] (em lugar de obrigado) entre outras.

– *síncope*: é a subtração que se caracteriza pela perda de fonema no interior do vocábulo. Ex.: malu > mau; mediu > meio; legale > leale > leal. Na fala popular encontramos: [gaio] (em lugar de galho); [fio/a] (ao invés de filho/a); [corgo] (em lugar de córrego); muié (em lugar de mulher).

– *apócope*: quando há queda do fonema no fim do vocábulo. Ex.: amat > ama; amare > amar, mare > mar.

– *sinalefa ou elisão*: é a queda de vogal no fim de uma palavra,

quando a palavra seguinte começa por vogal. Ex.: de + intro = dentro > de + ex + de = desde. Deparamo-nos constantemente com: [dum] (em lugar de *de + um*); outra ocorrência muito comum na fala popular é a junção de duas palavras quando a primeira termina em vogal e a segunda começa por vogal. Ex.: [tempinteiro] (tempo inteiro); [muitágua] (muita água).

3. Metodologia da pesquisa

3.1. O corpus da pesquisa

Toda pesquisa de cunho sociolinguístico compreende uma determinada região, um grupo social e uma comunidade de falantes, os quais são analisados de acordo com critérios previamente estabelecidos. O método utilizado para a composição desse estudo foi uma pesquisa de campo com gravação de entrevistas *in loco* nas quais os informantes foram estimulados a narrar assuntos referentes ao seu cotidiano, Tarallo (2007). Foram entrevistadas doze pessoas, homens e mulheres, com idade e nível de escolaridade distintos, para identificar as ocorrências dos metaplasmos por subtração e verificar quem faz mais uso destes na fala, se homens ou mulheres e por que.

Os informantes foram divididos em três grupos etários: dos 17 aos 25 anos, 26 aos 50 anos e acima dos 51 anos. As entrevistas se pautaram em diálogos espontâneos em que o informante relata livremente fatos sobre infância, realidade familiar, escolaridade, brincadeiras, namoro, noivado, casamento, fatos marcantes e outros. As análises dessas entrevistas, quantitativa e qualitativamente, serão apresentadas na terceira parte desse estudo.

3.2. Variáveis sociais estudadas

3.2.1. Variável gênero

Quando falamos ao fator gênero/sexo neste estudo não estamos nos referindo a características físicas ou fonológicas, já que homens e mulheres se diferenciam no tom, timbre e entonação na fala. Porém, por se tratar de um estudo sociolinguístico tais características não constituem elemento principal, visto que o foco está centrado no fator lexical, uma vez que nas sociedades ocidentais as diferenças de léxico entre homens e

mulheres são bem menos acentuadas, enquanto que em algumas culturas isso é marcante, havendo, segundo Mollica (2003), em algumas delas vocabulários específicos para ambos os gêneros.

Para Paiva (1994), um dos primeiros estudos a que se tem referência sobre a influência do gênero/sexo sobre as variações linguísticas é o de Fischer (1958), que afirma essa predominância da mulher na escolha de formas mais requintadas. Também se associa ao fato de as mulheres se preocuparem com a beleza física, com o vestir, o andar, a estética como foco de valorização e isso pode se refletir também no falar, fazendo-as mais observantes às normas linguísticas ditas padrão.

Ao falar em gênero, diferenças e particularidades, é preciso ter em mente a questão cultural. Na cultura ocidental, por exemplo, as lutas pelo nivelamento das diferenças estão em evidência e homens e mulheres já conseguem conviver harmoniosamente em muitas áreas sem distinções, entretanto, algumas culturas ou povos ainda preservam um pensamento machista ou mais opressivo quanto ao gênero. Há lugares, em que as divisões entre papéis masculino e feminino são muito nítidas.

3.2.2. Variável faixa etária

As línguas são elementos em movimento e em processo ativo constante, o que implica em transformações e mudanças no tempo e no espaço. Se as línguas variam no espaço e no tempo, temporalidade é algo fundamental no processo variacionista e, ao falar em temporalidade, inclui-se o fator idade como determinante nessas mudanças, uma vez que cada falante elege os termos ou formas próprios de seu tempo, ou seja, em muitos casos permanecem as formas antigas e preferem estas às novas maneiras de expressões ou formas evoluídas da língua.

Naro (1994, p. 82) afirma que os falantes adultos dão preferência às formas mais antigas, o que acaba por gerar situações diferentes no falar, mesmo de indivíduos que estejam em constante convivência, como é o caso, por exemplo, de pais e filhos, embora isso não comprometa a comunicação.

Outro fato curioso é que a idade linguística de um falante não corresponde à sua idade real. No mesmo exposto, o autor (*op. cit.*) afirma que a língua apresentada por um falante é calculada pela linguagem adquirida aos quinze anos de idade, isto significa que da realidade linguística de um falante atual devem ser subtraídos quinze anos de sua realidade

etária. Por exemplo, uma pessoa de 60 anos apresenta a linguagem de apenas 45 anos atrás e não de sessenta e que, a partir da cristalização dessas formas linguísticas adquiridas, o falante compõe o seu repertório.

3.2.3. Variável nível de escolaridade do falante

De acordo com Votre (1994), para se fazer uma análise precisa sobre a variável nível de escolaridade do falante é fundamental entender algumas distinções dessa modalidade, levando em conta o contexto e o local em que ocorre cada uma delas. Não basta e não se pode simplesmente considerar a variável escolaridade de maneira generalizada, isto é, apenas o grau de instrução do falante, mas é preciso antes analisar alguns conceitos de modalidades da fala e dentro desses enquadrar e avaliar o falante. Podemos considerar as dualidades: *forma de prestígio* e *forma neutra*; fenômeno *estigmatizado* e o *não estigmatizado*; casos que são objetos do ensino escolar e os que não são alvo deste e, por fim, a distinção entre escrita e fala.

A forma denominada de prestígio é aquela em que ocorrem comunicações em situações mais formais, em ambientes que exijam essa formalidade, é também a forma empregada nas escolas e nos meios de comunicação. Ela é conhecida como elitizada ou padrão, ou seja, é aquela teoricamente considerada “correta” pelos defensores da gramática normativa.

Quando falamos de ensino de gramática, parece ser este o foco, isto é, a instituição de normas que possam reger a forma de falar, tarefa que, na escola, cabe aos professores de língua portuguesa. Assim, convém ressaltar que existe em todas as línguas um padrão a ser seguido, uma forma norteadora de como se deve usar cada elemento do sistema linguístico e é esta a forma chamada de prestígio, uma vez que segundo Bagno (2007) tudo aquilo que foge a tais padrões é considerável inadequado.

A forma estigmatizada é a que se opõe ao conceito anterior, pois é nela que ocorrem usos, que se apresentam desvios da forma considerada de prestígio e seu nome se dá pelo estigma que esta recebe como inferior e negativa. É importante lembrar que a forma estigmatizada não se dá, por descuido ou desinteresse, mas por fatores culturais, regionais, dificuldades fisiológicas que geram expressões diferentes, Bueno (2009) e

que, por repetição, acabam se fixando no vocabulário linguístico do sistema da língua.

É importante ressaltar que o falante mesmo conhecendo as normas da língua, não se preocupa com estas no ato do discurso livre e oral. Esta realidade é comprovada na própria composição do *corpus* desta pesquisa, pois ao transcrever literalmente as entrevistas coletadas pelos informantes, fica claro o quanto diferimos nossos conhecimentos linguísticos nos atos da fala e da escrita.

4. Análise dos dados e discussão dos resultados

4.1. Resultados dos metaplasmos por subtração

No presente estudo damos ênfase às alterações fonológicas e por meio dos dados das entrevistas realizadas com os doze informantes, traçamos o perfil do linguajar dos sujeitos envolvidos na pesquisa, buscando identificar o percentual de ocorrência dos metaplasmos por subtração nesse grupo de falantes. Vale lembrar que essa pesquisa não representa o todo da comunidade linguística douradense, mas por meio desse tipo de trabalho e investigação é possível traçar, de forma geral um quadro dos fenômenos linguísticos que ocorrem em determinada região, levando em conta os percentuais de uso dos fenômenos linguísticos variáveis encontrados nas entrevistas.

4.1.1. Resultados dos metaplasmos pela variável gênero do (a) informante

De acordo com os resultados obtidos nas entrevistas, os metaplasmos mais utilizados e recorrentes entre os informantes foram os do tipo *apócope*, pois em um total de 820 ocorrências, 534, ou seja, 65,12% são desse tipo de fenômeno, em que o falante reduz um fonema no final da palavra no momento da comunicação espontânea, seguido pela *síncope*, com um total de 190 ocorrências, representando 23,17%, cuja redução se dá em fonemas no interior da palavra, fato que pode ser interpretado como recurso linguístico para facilitar a comunicação diária.

Os casos de *síncope* representam 23,17%, totalizando 190 ocorrências e os casos de *sinalefa ou elisão* representam 5,73%, com um total de 47 ocorrências.

Em relação à variante gênero/sexo, percebe-se que as mulheres

tendem a manter, em sua fala, as formas mais próximas da modalidade padrão da língua, enquanto os homens prezam pelas formas inovadoras, fazendo mais uso de variações.

No resultado final, foi verificada a presença de 582 ocorrências na fala dos homens e 238 na fala das mulheres, tendo como base o total geral de ocorrências, o que comprova a nossa hipótese de que homens e mulheres falam diferentemente.

4.1.2. Resultados dos metaplasmos de acordo com as variáveis idade e escolaridade do (a) informante

Através dos resultados tabulados do nosso *corpus* de pesquisa é possível fazer duas leituras e análises distintas sobre os fenômenos linguísticos presentes no falar douradense, cujos percentuais nos remeterão a duas realidades variacionais.

A primeira delas seria a comparação no modo de falar entre homens e mulheres, cujo resultado seria a presença maior dos metaplasmos no falar masculino, independente da idade e da escolaridade, conforme citado. A segunda seria uma comparação interna, isto é, a ocorrência considerando a idade e escolaridade no grupo dos homens e no grupo das mulheres, separadamente.

Feita essa comparação é possível concluir que a idade influencia na forma de falar, pois percebemos que o maior número de metaplasmos é encontrado na fala de informantes pertencentes ao terceiro grupo, isto é, com idade acima dos 51 anos, uma vez que essas pessoas trazem consigo uma influência dos arcaísmos, preservam formas menos inovadoras e fazem parte da estatística de menor escolaridade (maioria possui apenas ensino fundamental). Isso comprova que o nível de escolaridade influencia na forma de falar, pois tanto entre os homens como entre as mulheres, as ocorrências são mais significativas na fala de pessoas que possuem ensino fundamental e médio, enquanto que as pessoas com ensino superior apresentam quase nulidade em relação ao uso dos metaplasmos.

5. Considerações finais

Concluimos este estudo verificando que apesar da pesquisa não representar o todo da realidade da língua falada na comunidade linguísti-

ca, é possível perceber que as mulheres se mostram mais zelosas que os homens quanto ao uso da língua e se aproximam mais da linguagem padrão, com um número menor de desvios linguísticos na fala em situações reais de comunicação.

Sendo assim, independente do gênero, é fundamental considerar que as línguas são mutáveis e que combater o preconceito linguístico é papel de todos os falantes, pois apesar das diferenças, fazemos parte de um mesmo sistema linguístico cujos pontos que nos unem são muito mais significativos do que aqueles que nos separam.

Esta etapa de pesquisa foi sobremaneira importante na introdução aos estudos lingüísticos e sociolingüísticos, além de permitir o aprofundamento nos estudos dessa área, na busca pelo conhecimento dos fenômenos da fala e na expectativa de produções vindouras.

Diante do exposto, acredita-se que este trabalho tem relevância para a área na qual se insere, pois a língua e a fala estão presentes no nosso cotidiano e não podem ser ignoradas. Estudar uma língua significa estudar a própria história de seus falantes, sua cultura, suas particularidades e suas evoluções, já que a linguagem não pode ser isolada do contexto social dos que a usam; assim, ao estudar e relatar as experiências dos falantes da região de Dourados-MS, recontando sua história e permitindo-lhes o registro de seus feitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico, o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2007.

BUENO, Elza Sabino da Silva; SAMPAIO, Emílio Davi. *Estudos de linguagem e de literatura: um olhar para o lato sensu*. Dourados: UEMS, 2009.

CARNEVALLI, Leonildo. *Sistema metodológico e pedagógico para o ensino dos metaplasmos*. UNESP/Assis-SP, 1990. (Dissertação de Mestrado)

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica*. 2. ed., São Paulo: Ática, 1998.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luisa (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.

NARO, Anthony. Julius. Idade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luisa (Orgs.). *Introdução à sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

PAIVA, Maria da Conceição. Sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília e BRAGA, Maria Luisa (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1989.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2007.

VOTRE, Sebastian. Escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à sociolinguística variacionista*. Cadernos didáticos da UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.